

A Interface Morfologia-Fonologia no *Blending*: uma Análise pelo Modelo da Teoria da Otimidade

The Morphology-Phonology Interface in Blending: an Analysis by the Optimality Theory Model

César Elidio Marangoni Junior¹

RESUMO

Neste artigo, investigo as relações entre morfologia e fonologia nos *blends* (por exemplo, *namorido* < *namorado* + *marido*), de maneira a delimitar as características prosódicas e métricas desse processo de formação de palavras. Além disso, mostro que a interface morfologia-fonologia no *blending* se revela na existência de uma estrutura morfológica de composição que, por efeitos fonológicos e pragmáticos, se adequa à restrição prosódica de que tenhamos apenas um nó de palavra prosódica, de maneira que duas palavras são juntadas em uma só e, conseqüentemente, apresentam apenas um acento principal. O modelo teórico adotado é a Teoria da Otimidade (cf. PRINCE; SMOLENSKY, 1993), com base principalmente na Teoria da Correspondência (cf. McCARTHY; PRINCE, 1995; BENUA 1995) e, com base nesse modelo, proponho restrições atuantes na determinação do *output* ótimo do processo.

Palavras-chave: *blending*; morfologia não concatenativa; interface morfologia-fonologia.

ABSTRACT

In this article, I investigate the relationship between morphology and phonology in blends (for example, *namorido* < *namorado* + *marido*), in order to delimit the prosodic and metrical characteristics of this word formation process. In addition, I show that the morphology-phonology interface in blending reveals itself in the existence of a morphological structure of a compound that is suited to a prosodic constraint which demands that only one prosodic word node be projected; this is due to phonological and pragmatic effects. In this way, two words are joined into only one and as a

¹ Doutorando em Linguística pelo Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: cesar.marangoni@usp.br.

consequence they have only one primary stress. The theoretical model adopted here is Optimality Theory (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), specifically Correspondence Theory (McCARTHY; PRINCE, 1995; BENUA, 1995) and using this model I propose the constraints active in the determination of the optimal output of the process.

Keywords: *blending; nonconcatenative morphology; morphology-phonology interface.*

O *blend*² é, grosso modo, o resultado de um processo de formação de palavras a partir da fusão de partes de pelo menos duas palavras-fonte, sendo que pelo menos uma delas deve ser reduzida no processo ou deve haver algum tipo de sobreposição gráfica ou fonológica das palavras-fonte (cf. GRIES, 2004, p. 639). Trata-se de um processo produtivo em várias línguas do mundo: no inglês, *brunch* < *breakfast* + *lunch*; no espanhol, *suciedad* ‘sociedade suja’ < *sucia* ‘suja’ + *sociedad* ‘sociedade’ (cf. PIÑEROS, 2000); no hebraico, *prígurt* ‘iogurte de fruta’ < *prí* ‘fruta’ + *yogurt* ‘iogurte’ (cf. BAT-EL, 1996); e no grego moderno, *aerajitó* ‘comida servida em aviões’ < *aéras* ‘ar’ + *fajitó* ‘comida’ (cf. RALLI; XYDOPOULOS, 2012).

Para os fins da discussão aqui proposta, considero apenas os *blends* ditos intencionais, isto é, criados pelo falante de maneira consciente e com alguma motivação pragmática em mente. Além disso, restrinjo ainda mais a

2 Neste artigo, optei por utilizar o termo *blend*. Vale ressaltar que outros termos aparecem na literatura: para citar alguns, cruzamento vocabular (cf. SANDMANN, 1988), *portmanteau* (cf. ARAÚJO, 2000), *blend* lexical (cf. GONÇALVES, 2003), fusão vocabular (cf. BASILIO, 2005) e *mescla* lexical (cf. ANDRADE, 2008).

definição inicial proposta de maneira que os casos de ‘compostos encurtados’ (do inglês, *clipped compounds*), em que a parte inicial de uma das palavras-fonte se junta à parte inicial da outra palavra-fonte, como acontece em *futsal* (*futebol* + *salão*), sejam excluídos. Considerando a regra para o *blending* de Plag (2003) em (1), o *blend* é formado prototipicamente pela junção entre a parte inicial da primeira palavra-fonte e a parte final da segunda palavra-fonte; também são considerados *blends* os casos em que uma das palavras-fonte é mantida em sua completude e os casos em que há sobreposição total entre as palavras-fonte, de maneira que o conteúdo segmental compartilhado por ambas é realizado apenas uma vez – ver (2). Vale ressaltar que a esquematização feita em (1) e (2) considera A, B, C e D como porções de segmentos fonológicos retiradas das palavras-fonte, estando tais porções ligadas principalmente à configuração silábica das palavras-fonte.

(1) *Regra para o blending* (PLAG, 2003, p. 122-123)

$A B + C D \rightarrow A D$

(2) *Padrões de formações de blends* (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 32-33)

a. $A B + C D \rightarrow A D$: formação de *blends* – *Nescau* < *Nestlé* + *cacau*

b. $A B + C D \rightarrow A B D$: formação de *blends* – *sedanapo* < *seda* + *guardanapo*

c. $A B + C D \rightarrow A C D$: formação de *blends* – *almojanta* < *almoço* + *janta*

d. $A B + C D \rightarrow A B C D$: formação de compostos e *blends* – *reggay* < *reggae* + *gay*

Na literatura morfofonológica acerca do assunto, o caráter subtrativo do processo e a motivação pragmática presente faz com que alguns autores como Piñeros (2004) e Matiello (2013) o tratem como um processo extragramatical, uma instância do ‘jogo de palavras’, em que estão vigentes versões distorcidas das restrições gramaticais de boa formação estrutural. Por outro lado, alguns autores veem o *blending* como um processo linguístico por excelência: parte-se de um *input* de natureza fonológica (cf. LEE, 2014) ou de natureza morfofonológica (cf. ARAÚJO, 2000) ou de natureza semântico-pragmática (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015) e se chega a um resultado estruturalmente determinado pela natureza do *input*.

Neste artigo, busco argumentar que estamos diante de um processo morfofonológico gramatical em que a exponência fonológica resultante é previsível a partir da delimitação de restrições de boa formação

morfofonológica, as quais dizem respeito à configuração silábica, à pauta acentual e à relação entre peças morfológicas e expoentes fonológicos da palavra resultante. Nesse sentido, defendo que os *blends* são um subtipo dos compostos (cf. ARAÚJO, 2000; RALLI; XYDOPOULOS, 2012; para uma visão contrária, cf. GONÇALVES, 2003, 2006) caracterizado pela exigência de que o resultado da junção das duas palavras-fonte projete apenas uma palavra prosódica. A motivação para essa restrição prosódica é de caráter pragmático, uma vez que estamos lidando com palavras que carregam em si um efeito pragmático específico, que é principalmente de jocosidade – *cabeleleila* < *cabelereira* + *Leila*, *sobranSheila* < *sobrancelha* + *Sheila* – ou pejoratividade – *chernomacho* < *Chernobyl* + *macho*, *chernolê* < *Chernobyl* + *rolê*.

Além disso, a ênfase é dada aos aspectos morfológicos e fonológicos dos *blends* (cf. MARANGONI JUNIOR, 2020, 2021; SCHER; MARANGONI JUNIOR, 2020 para uma análise do *blending* que também leve em conta seus aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos), de maneira a contemplar as seguintes perguntas: a) qual a natureza do *input* para a formação dos *blends*?; b) quais informações prosódicas e métricas são cruciais para a boa formação de um *blend*?; c) é possível observar e generalizar uma tendência na formação dos *blends* em termos morfofonológicos? Para respondê-las, parto da análise de um *corpus* composto por 411 dados que foram ou retirados de textos anteriores sobre o processo ou coletados por mim no âmbito das redes sociais (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021 para o *corpus* completo). Grosso modo, busco mostrar que o *input* para a formação dos *blends* é de natureza morfofonológica, sendo crucial para a formação a pauta acentual da segunda palavra-fonte e a configuração silábica das palavras-fonte; a partir da observação do comportamento morfofonológico dos dados, faço uma generalização inicial das tendências de formação dos *blends*.

O artigo está organizado da seguinte maneira. Na seção 2, faço uma breve caracterização do modelo teórico adotado, a saber, a Teoria da Otimidade. Na seção 3, pontuo os aspectos prosódicos e métricos dos *blends* a partir da análise do *corpus* desta pesquisa, levando em conta também a existência de sobreposição ou de perda fonológica presentes nos dados. Na seção 4, proponho um *ranking* de restrições que parece dar conta do comportamento morfofonológico dos *blends* analisados e que pode ser estendido para o português brasileiro (daqui em diante, PB) como um todo. A seção 5 traz as considerações finais do artigo.

2 Fundamentação teórica: A Teoria da Otimidade

De maneira geral, a função da gramática é atribuir uma dada estrutura aos objetos linguísticos. Os estudos fonológicos num viés gerativista, a partir da publicação de *The Sound Patterns of English* (cf. CHOMSKY; HALLE,

1968), buscaram explicar o funcionamento dos processos fonológicos através da atribuição de estrutura a objetos linguísticos por meio de regras; dessa forma, a estrutura em *output* era vista como um epifenômeno da aplicação de regras sucessivas a um dado *input*.

A Teoria da Otimidade (daqui em diante, TO) em sua versão clássica (cf. PRINCE; SMOLENSKY, 1993) rompe com o protagonismo das regras fonológicas e assume como primitivo teórico as restrições, de maneira que a Gramática Universal fornece um conjunto de restrições altamente gerais que operam em todas as línguas; a diferença entre as línguas está na maneira em que as restrições se relacionam entre si em termos de dominância, o que faz com que a gramática de uma língua seja um *ranking* específico de restrições. A maneira geral que a gramática da língua utiliza para a resolução dos conflitos é o ranqueamento das restrições em uma hierarquia de dominância, o que permite a avaliação dos candidatos a um dado *output* de acordo com a sua performance no que concerne às restrições ativas na determinação da sua forma fonológica de superfície. A avaliação dos candidatos é esquematicamente representada por meio de *tableaux*, conforme veremos na seção 4.

Com o desenvolvimento dos estudos no cerne da TO, desenvolve-se uma arquitetura da gramática como aquela esquematizada em (3), na qual GEN (do inglês, *Generator*), um gerador de candidatos universal, gera os candidatos à realização em *output* de um dado *input*, fazendo algum tipo de referência à forma de *input*; os candidatos gerados são avaliados pela função EVAL (do inglês, *Evaluator*), que parte de CON (do inglês, *Constraints*), o conjunto universal de restrições, e localiza nesse conjunto a hierarquia H (do inglês, *Hierarchy*), que é o *ranking* de restrições específico de uma dada língua; a partir disso, EVAL aplica H ao conjunto de candidatos gerados por GEN e localiza, nesse conjunto, aquele que é o candidato ótimo, isto é, aquele que é o vencedor da competição para realização em *output*, visto que apresenta uma performance mais satisfatória em relação a H. Apresentar uma performance ótima no quadro teórico da TO não se trata de encontrar o candidato objetivamente perfeito, isto é, aquele que não apresenta nenhuma violação das restrições; trata-se, na verdade, de buscar aquele candidato que apresenta o menor número de violações das restrições mais altas da hierarquia, o que o faz vencer a competição visto que satisfaz de maneira mais eficiente as restrições ativas na língua, ainda que ele apresente algumas violações durante o processo de avaliação.

(3) *Arquitetura básica da TO (adaptado de McCarthy 2002, p. 10)*



As restrições na TO são essencialmente de dois tipos: as restrições de marcação, que se voltam unicamente para o *output*, avaliando a estrutura formal dos candidatos a *output*, de maneira que certas configurações estruturais são preferidas; e as restrições de fidelidade, que requerem uma identidade entre o *input* e o candidato a *output*, preconizando a existência de uma relação de um para um entre *input* e *output*. Com o desenvolvimento da teoria, surgem novas famílias de restrições, como as de alinhamento generalizado (cf. McCARTHY; PRINCE, 1993a).

Com relação ao aspecto morfológico da teoria, Schwindt (2010), ao discutir o local da morfologia na TO, olhando para o Léxico, GEN, CON e EVAL, conclui que “cada um deles ‘possui’ morfologia, mas não ‘faz’ morfologia, à exceção de EVAL que, ao administrar a competição entre os candidatos, promove o resultado esperado em relação à ordem e concatenação dos morfemas para formar novas palavras.” (SCHWINDT, 2010, p. 226). As restrições fazem algum tipo de referência à morfologia do *input*, relacionando-a a informações prosódicas essenciais para a postulação do alinhamento entre morfologia e prosódia; todavia, a morfologia efetivamente aparece em EVAL onde há a aplicação efetiva das restrições de fidelidade.

Em termos gerais, os linguistas veem os casos de morfologia não concatenativa sob a ótica da Morfologia Prosódica (cf. McCARTHY; PRINCE, 1986/1996) e seus desdobramentos, os quais buscam delimitar as dependências entre a morfologia e a fonologia em termos gerais e independentes. A observação dos casos de reduplicação, principalmente, leva os autores a perceber que a estrutura prosódica pode determinar uma dada forma morfológica; intensifica-se, assim, a discussão acerca da explicitação de como se dá a interface morfologia-fonologia. Nesse sentido, o molde passa a ser visto como uma restrição ao formato de um dado afixo, radical ou palavra e pode fazer referência a qualquer um dos níveis prosódicos da hierarquia prosódica.

(4) Hierarquia prosódica (adaptada de NESPOR; VOGEL, 1986)

| | |
|----------|-------------------|
| ω | palavra prosódica |
| | |
| Φ | pé silábico |
| | |
| σ | sílaba |

Com o advento da TO, a hipótese da Morfologia Prosódica foi substituída pela Teoria dos *Templates* Generalizados (cf. McCARTHY; PRINCE, 1993b).

A breve caracterização do modelo vista acima serviu para situar a proposta que desenvolvo a seguir dentro de um modelo específico de

arquitetura da gramática. A análise dos *blends* aqui desenvolvida contribui para a explicitação exata de como se dá a interface entre morfologia e fonologia na TO, uma vez que no modelo globalista e paralelista apresentado acima morfologia e fonologia são computadas no mesmo componente da gramática e visto que o processo em questão manipula e é dependente dos dois tipos de informação e das relações que ambas possuem entre si.

3 Aspectos prosódicos e métricos dos *blends*

Com relação à estruturação silábica, a literatura acerca do *blending* considera o número de sílabas do *blend* formado e o número de sílabas das palavras-fonte como informações relacionadas. Bat-El (2006) defende que o *blend* tem o mesmo número de sílabas que a palavra-fonte à direita. Bauer (2012) evidencia que os *blends* não podem ser maiores, em termos de número de sílabas, que a palavra-fonte à direita. Gries (2004) mostra que há uma tendência nos *blends* de que eles sejam minimamente tão extensos quanto a palavra-fonte à direita. Cannon (1986), por sua vez, defende que a extensão silábica do *blend* é idêntica à extensão da base maior. Por outro lado, Arndt-Lappe e Plag (2013), com base em estudos experimentais, defendem que a extensão silábica do *blend* nada mais é do que um epifenômeno da preservação da estrutura métrica das palavras-fonte.

A observação dos dados do *corpus* mostra que, dos 411 dados analisados, 241 dados não apresentam o mesmo número de sílabas da palavra-fonte mais à direita – vejamos, por exemplo, *prostiputa* < *prostituta* + *puta*, em que o *blend* apresenta 4 sílabas e a segunda palavra-fonte apresenta apenas 2 sílabas – e 170 dados apresentam o mesmo número de sílabas da palavra-fonte mais à direita – como em *funknejo* < *funk* + *sertanejo*, em que o *blend* apresenta 4 sílabas e a palavra-fonte mais à direita também apresenta 4 sílabas – conforme apresentado na **Tabela 1** abaixo. Apesar de ter sido feito de maneira informal, sem passar por um tratamento estatístico acurado, o resultado presente na tabela contradiz a observação de que o *blend* tende a manter o número de sílabas da palavra-fonte à direita.

Tabela 1 – Relação entre o número de sílabas do *blend* e o número de sílabas da palavra-fonte à direita (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 162)

| | = número de sílabas da palavra-fonte à direita | ≠ do número de sílabas da palavra-fonte à direita | Total |
|-----------------------|------------------------------------------------|---------------------------------------------------|-------|
| Número de ocorrências | 170 | 241 | 411 |
| Porcentagem | 41% | 59% | 100% |

Na **Tabela 2**, trago os resultados informais encontrados em relação à equivalência entre o número de sílabas do *blend* e o número de sílabas da palavra-fonte mais extensa, independentemente da sua posição: 68% dos dados analisados têm o mesmo número de sílabas da palavra-fonte maior ou o mesmo número de sílabas de ambas as palavras-fonte, quando estas possuem o mesmo número de sílabas; 27% dos dados têm mais sílabas do que a palavra-fonte mais extensa e 5% dos dados têm menos sílabas que a palavra-fonte mais extensa. Podemos observar nos resultados encontrados que, se estamos buscando uma análise geral para os diversos padrões estruturais de *blends*, não há a obrigatoriedade de termos o mesmo número de sílabas de pelo menos uma das palavras-fonte.

Tabela 2 – Classificação dos *blends* em relação ao número de sílabas (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 162-163)

| Tipo de <i>blend</i> | <i>Blend</i> com o mesmo número de sílabas de pelo menos uma das palavras-fonte | <i>Blend</i> com um número de sílabas maior que ambas as palavras-fonte | <i>Blend</i> com menos sílabas que a palavra-fonte mais extensa | Total |
|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|-------|
| Número de ocorrências | 280 | 110 | 21 | 411 |
| Porcentagem | 68% | 27% | 5% | 100% |

Com relação ao acento, Cannon (1986) defende que o acento da palavra-fonte mais extensa em termos silábicos determina o acento primário do *blend*. Para Bat-El (1996) e Bauer (2012), o acento do *blend* corresponde ao acento da palavra-fonte mais à direita. Bat-El e Cohen (2012) postulam uma abordagem híbrida entre as duas posições concernentes ao acento, levando-se em conta tanto a posição das palavras-fonte quanto a sua extensão silábica em comparação ao *blend*.

A análise dos dados do *corpus* corrobora a hipótese de que é a palavra-fonte mais à direita que contribui com a pauta acentual do *blend* e com a manutenção da sua sílaba acentuada. Na grande maioria dos casos, o que temos é a manutenção da posição do acento e da sílaba acentuada da palavra-fonte mais à direita no *blend* em detrimento da palavra-fonte mais à esquerda – *familícia* < *família* + *milícia* e *carentena* < *carente* + *quarentena*, em que a pauta acentual paroxítona e a sílaba acentuada das palavras-fonte mais à direita estão mantidas nos *blends*. Em outros casos, verifica-se a manutenção das sílabas acentuadas das duas palavras-fonte, como, por exemplo, em *carolinda* < *Carolina* + *linda* e *asquerola* < *asquerosa* + *acerola*. Dessa forma, temos como consequência natural a generalização de Bat-El (1996), Bauer (2012) e Arndt-Lappe e Plag (2013), segundo a qual a métrica da palavra-fonte mais à direita governa amplamente a pauta acentual do *blend*, contribuindo também com a sílaba acentuada.

Com relação à existência de sobreposição ou perda fonológica, enquanto autores como Gonçalves (2006) defendem que a sobreposição é a força motriz do *blending* no caso do PB, outros autores como Lee (2014) mostram que a sobreposição é apenas uma ilusão fonológica no caso do francês. Apesar de estarmos lidando com línguas diferentes, a questão principal jaz na versão da TO que ambos assumem; no primeiro caso, assume-se que as restrições de boa formação possuem acesso às informações morfológicas, enquanto no segundo caso assume-se que as restrições não possuem acesso a informações morfológicas. Para os fins desta análise, observei a existência de sobreposição fonológica no ponto de junção entre as palavras-fonte com base na classificação entre *blends* fonológicos, *blends* morfológicos e *blends* semânticos apresentada em (5) e cheguei aos resultados apresentados na **Tabela 3**.

(5) *Tipos de blends de acordo com o ponto de junção (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 168, grifos meus)*

- a) *Blends* fonológicos: presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sobrepostos; exemplo: *matel* < *mato* + *motel*
- b) *Blends* morfológicos: ausência de quaisquer segmentos fonológicos coincidentes nas palavras-fonte; exemplo: *portunhol* < *português* + *espanhol*
- c) *Blends* semânticos: reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes, havendo substituição do segmento fonológico reanalisado por segmentos fonológicos equivalentes ao de outra raiz com significado distinto (cf. GONÇALVES, 2003 para uma posição contrária); exemplos: *bebemorar* < *beber* + *comemorar*

38

Tabela 3 – Classificação dos *blends* de acordo com a presença de sobreposição no ponto de junção (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 166)

| Tipo de <i>blend</i> | <i>Blend</i> fonológico | <i>Blend</i> morfológico | <i>Blend</i> semântico | Total |
|-----------------------|-------------------------|--------------------------|------------------------|-------|
| Número de ocorrências | 234 | 158 | 19 | 411 |
| Porcentagem | 57% | 38% | 5% | 100% |

O que a tabela acima nos mostra é que uma parcela considerável dos *blends* analisados não é formada a partir da sobreposição de segmentos fonológicos das palavras-fonte; nesses casos, respeita-se, na grande maioria dos casos, as fronteiras entre as sílabas, de maneira que o ponto de quebra é feito entre uma sílaba da palavra-fonte mais à esquerda e uma sílaba da palavra-fonte à direita. Chegamos, assim, às seguintes generalizações, já

atestadas na literatura: a) caso haja segmentos fonológicos idênticos entre as palavras-fonte, é neste ponto que temos a junção entre elas e temos, assim, sobreposição; b) caso não haja tal identidade fonológica, as palavras-fonte são juntadas no ponto de maior similaridade fonológica, respeitando-se a constituição das fronteiras silábicas e a divisão interna à sílaba: a junção é feita entre *onset* e núcleo, por exemplo, *camaronese* < *camarão* + *maionese*, ou entre fronteiras de sílabas, por exemplo, *brasiguaio* < *brasileiro* + *paraguaio*.

Dessa forma, podemos perceber que a junção entre as palavras-fonte não é aleatória: ela respeita a identidade fonológica ou a constituição prosódica das palavras-fonte. É nesse sentido que, para a delimitação da boa formação de um *blend*, devemos levar em conta as formas de *output* das palavras-fonte, em que elas já estão realizadas prosódica e metricamente.

Por fim, também observei a relação entre a ordem das palavras-fonte e a diferença de ordem entre núcleo e complemento³ ou núcleo e modificador, em termos sintático-semânticos. Em outras palavras, observei se o núcleo sintático-semântico do *blend* ocuparia uma posição específica na sua cadeia segmental e cheguei à conclusão de que não há um comportamento prototípico: nesse cenário, postulo, assim como outros autores (cf. LEE, 2014), que as palavras-fonte não possuem uma ordem definida em *input*, a qual só é dada pela interação entre as restrições.

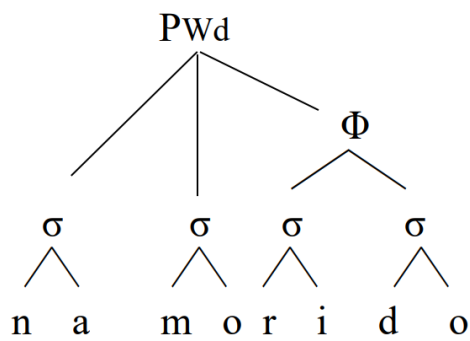
4 A interface morfologia-fonologia nos *blends*

As análises do processo no cerne da TO diferem entre si nas restrições defendidas para a determinação do *output* ótimo. Piñeros (2000), analisando dados do espanhol, aborda o *blend* como um subtipo dos compostos na medida em que ambos os processos se valem de morfemas livres ou potencialmente livres; assim, estamos lidando com palavras morfológicas complexas que são unidas de maneira a se formar uma nova palavra morfológica complexa. Apesar das similaridades em termos semânticos e morfológicos, os *blends* e os compostos se distinguem com base na estrutura

3 Marangoni Junior (2020, 2021) defende que os *blends* são um subtipo dos compostos que se caracterizam pela existência de uma leitura avaliativa; nesse sentido, seguindo Nóbrega (2014) e Nóbrega e Panagiotidis (2020), assume que os *blends* podem ser de três tipos diferentes de acordo com sua estrutura sintática: os coordenados, os subordinados e os atributivos. Grosso modo, os *blends* coordenados são aqueles em que há uma relação conjuntiva entre dois constituintes categorialmente idênticos (*barbeludo* > *barbudo* + *cabeludo*); os subordinados são aqueles em que há uma relação predicado-argumento (*cartomente* > *cartomante* + *mente*); e os atributivos são aqueles em que há uma relação núcleo-modificador (*escragiário* > *escravo* + *estagiário*). Os estudos em questão se voltam para os *blends* do tipo coordenado e do tipo atributivo, mostrando que, no caso dos últimos, o modificador pode vir à esquerda (*gaymer* > *gay* + *gamer*) ou à direita (*canceriemo* > *canceriano* + *emo*). Nesse sentido, a análise da posição das palavras-fonte com relação à função sintático-semântica que exercem – núcleo, modificador ou complemento – foi analisada de modo a se determinar se há algum tipo de correlação entre a estrutura sintática ou semântica e a exponência fonológica.

prosódica que apresentam; enquanto nos compostos cada palavra-fonte projeta sua própria palavra prosódica, construindo-se, assim, um nó complexo de palavra prosódica, nos *blends* as palavras-fonte não projetam cada uma por si uma palavra prosódica diferente, de modo que ambas se adequem à projeção de apenas uma palavra prosódica.

(6) *A estrutura prosódica dos blends (adaptado de PIÑEROS, 2000, p. 4)*



Dito de outro modo, os compostos permitem a recursividade do constituinte de palavra prosódica, enquanto, nos *blends*, isso não é possível, o que nos leva à restrição prosódica proposta pelo autor: NO-PWd*. Trata-se de uma restrição que advoga contra a recursividade no nível de PWd: as formas de *output* devem constituir apenas uma palavra prosódica, isto é, ter apenas um acento principal.

Para Piñeros (2000), a força motriz do *blending* é o alinhamento entre uma categoria de palavra prosódica e uma categoria de palavra morfológica, visto que este alinhamento é deturpado em prol da necessidade de se projetar uma única palavra prosódica. É crucial para o fenômeno também a existência de sobreposição de segmentos das palavras-fonte, um epifenômeno da restrição de alinhamento. Segundo o autor, a ambimorfemia – termo para se referir a segmentos que têm correspondentes em ambas as palavras-fonte – vai além da observação de segmentos idênticos e pode abarcar também segmentos fonologicamente relacionados, mas que se diferenciem entre si em termos de algum traço fonológico.

Gonçalves (2003), na esteira de Piñeros (2000), evidencia que a formação de *blends* no PB é um exemplo claro de morfologia não concatenativa dado por meio de dois padrões principais: (a) quando há semelhança fônica entre as palavras-fonte; (b) quando as palavras-fonte são totalmente diferentes em termos segmentais. Na hipótese do autor, é a observação das características fônicas das palavras-fonte que determina qual será o ponto de junção entre elas. Nos casos em que não há semelhança fônica entre as palavras-fonte, a junção é feita com base no ponto de maior grau de identidade entre elas, como, por exemplo, a quebra feita nas sílabas tônicas – é o caso de *portunhol* < *português* + *espanhol*. Nesse sentido, o autor defende que o *blending* “é um

processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P_1 e P_2 ⁴, (b) o grau de semelhança fônica das bases e (c) a natureza estrutural da sequência compartilhada pelas formas que se combinam” (GONÇALVES, 2003, p. 154).

Piñeros (2004), analisando os *portmanteaux* do espanhol, chega à seguinte generalização: neles, há fidelidade máxima aos aspectos da estrutura prosódica da palavra-fonte núcleo⁵ e, em termos de estrutura segmental, o resultado tende a ser mais fiel à palavra-fonte não núcleo. Esta interação entre dois tipos de fidelidade permite a recuperabilidade de ambas as palavras-fonte: de um lado, a recuperabilidade do núcleo é facilitada pela manutenção da sua estrutura prosódica; de outro lado, a recuperabilidade do não núcleo é facilitada pela manutenção da maior quantidade possível de segmentos fônicos. Nesse cenário, o autor defende que as palavras-fonte são geradas na morfologia gramatical, onde estão localizados os processos regulares de formação de palavras e, num segundo momento, elas são encurtadas de maneira a se adequarem ao molde prosódico proposto, sendo que tal adequação só acontece no componente extragramatical.

Lee (2014) vê o *blending* no francês como um processo estritamente fonológico que deve ser tratado em termos de correspondência entre duas ou mais formas de *output*, sem a necessidade de fazer referência a informações morfológicas. Esta proposta assume que o *blending* não tem acesso à estrutura morfológica dos elementos de base, de modo que os *blends* formados não têm uma estrutura morfológica regular, e busca delimitar restrições fonológicas que não são exclusivas do processo em questão, isto é, parte de restrições mais gerais empiricamente atestadas em outros fenômenos da língua e as interpreta no domínio específico do *blend*, sem precisar criar um novo tipo de restrição que dê conta da sua formação.

Esta breve revisão dos estudos acerca do processo no seio da TO nos permite observar que não há um consenso em relação às restrições ativas no *blending*. Por exemplo, enquanto a proposta de Gonçalves (2003, 2006) vê a sobreposição como fator determinante para a formação de *blends* no PB, Lee (2014) vê a sobreposição como uma mera ilusão, visto que ela resulta dos segmentos em *output* que se fazem recuperáveis, os quais não estão explicitamente ligados a vários segmentos no *input*. A partir disso e da análise do *corpus*, proponho o conjunto de restrições descrito abaixo para a formação dos *blends* no PB.

A primeira e mais crucial exigência feita pelo *blending* é que o *output* ótimo forme uma única palavra prosódica; esta característica é crucial

4 P_1 = palavra-fonte 1, posição à esquerda, e P_2 = palavra-fonte 2, posição à direita.
5 A noção de núcleo referenciada aqui é uma noção sintático-semântica similar à noção de núcleo existente para os compostos (cf. NÓBREGA, 2014): o núcleo é o elemento que tem sua leitura semântica modificada por um elemento não núcleo adjungido à estrutura – por exemplo, *lixeratura* > *lixo* + *literatura* tem como núcleo a palavra-fonte *literatura*, a qual é modificada pelo conteúdo semântico que a palavra-fonte não núcleo adiciona à formação.

porque diferencia fonologicamente os *blends* dos compostos prototípicos. Assumo, juntamente com Piñeros (2000), Gonçalves (2003) e Lee (2014), que a restrição **NO-Pwa*** é uma das restrições presentes no *blending* e ela advoga contra a recursividade no nó de palavra prosódica; tal restrição é a mais alta na hierarquia, garantindo que duas palavras-fonte, que são duas palavras morfológicas complexas, sejam juntadas numa única palavra no nível prosódico, apresentando, assim, um único acento primário.

Em seguida, assumo, assim como Piñeros (2000) e Gonçalves (2003), uma restrição de alinhamento que advoga em favor do alinhamento de margens de categoria morfológica com margens de categoria prosódica. A restrição em questão, **ALIGN (M ↔ P)** exige que uma das palavras-fonte se alinhe à esquerda do *blend* formado e a outra à direita do *blend* formado.

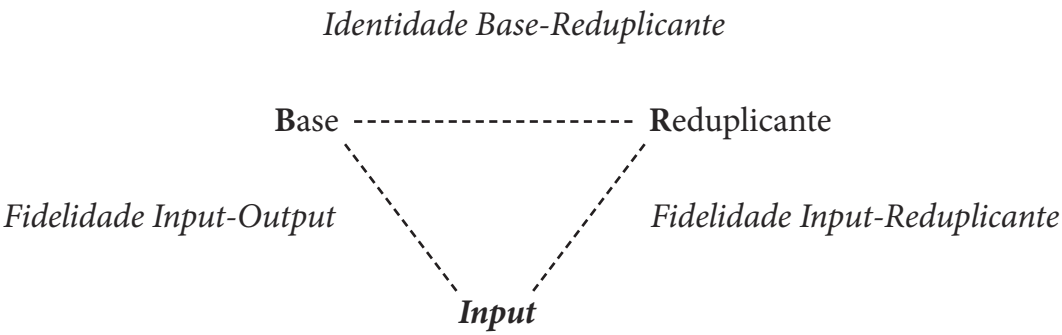
Com relação à manutenção segmental das palavras-fonte, assumo aqui a Teoria da Correspondência com ênfase nos efeitos de identidade entre formas de *output* explicitados por Benua (1995) para os casos de reduplicação. A Teoria da Correspondência, que vê a correspondência como uma relação de mapeamento entre cadeias, se vale de restrições que militam contra o apagamento e a inserção e que requerem a identidade de traços entre segmentos correspondentes; outras restrições forçam CONTIGUIDADE, LINEARIDADE e ALINHAMENTO de margens.

Nesse cenário, a reduplicação, em específico, envolve correspondências múltiplas simultâneas, isto é, ela diz respeito tanto a uma relação entre *input* e *output* (correspondência *Input-Output*) quanto a uma relação entre base e reduplicante (correspondência BR, que é uma correspondência *Output-Output*). McCarthy e Prince (1995) propõem o esquema em (7) para a reduplicação, mostrando as relações de correspondência entre o *input* e o *output* e entre a base e o reduplicante. Benua (1995), na esteira desses autores, propõe o esquema em (8) para os casos de truncamento morfológico⁶, como, por exemplo, os hipocorísticos⁷ do inglês, mostrando que o truncamento envolve duas relações de correspondência: uma entre o *input* e a base e a outra entre a base e a forma truncada.

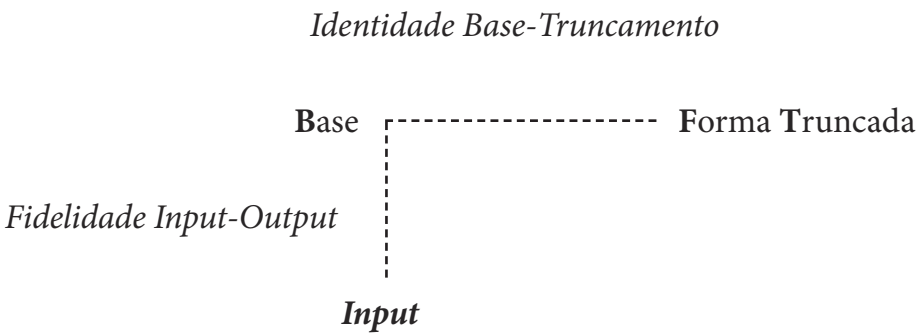
6 *Grosso modo*, as formas truncadas dizem respeito à redução do corpo fônico de uma palavra, quando comparada a uma forma não reduzida que lhe corresponda em significado, sendo que a forma resultante apresenta uma leitura avaliativa (cf. SCHER, 2018 para uma análise do fenômeno); por exemplo, *breja* > *cerveja*, *neura* > *neurose*.

7 *Grosso modo*, os hipocorísticos são abreviações de nomes próprios, criando-se uma forma de chamamento que denota certo grau de afetividade, estando a forma resultante em uma relação direta com o prenome (cf. GONÇALVES, 2016, p. 72-73); por exemplo, *Ju* > *Juliana* e *Gui* > *Guilherme*.

(7) Reduplicação (adaptado de BENUA, 1995, p. 5, apud McCARTHY;
PRINCE, 1995)

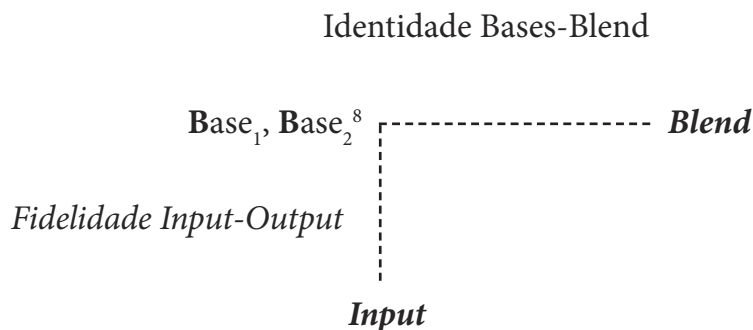


(8) Truncamento (adaptado de BENUA, 1995, p. 6)



As relações em (8) nos mostram que, na formação das formas truncadas, o truncamento deve estar em correspondência unicamente com as formas em *output*, visto que é capaz de fazer referência a propriedades superficiais de tais formas, isto é, propriedades só existentes após a inserção de vocabulário e a prosodização da base; temos, assim, uma correspondência transderivacional: a base e a forma truncada são formas de *output* separadas e prosodizadas cada uma por si.

Aqui, proponho que podemos ampliar a relação de correspondência *output-output* para os *blends* (cf. LEE, 2014 para uma proposta semelhante), uma vez que tanto no truncamento, quanto nos *blends*, estamos diante de casos de morfologia subtrativa. Dessa forma, o *blending* seria uma subtração dada entre duas ou mais bases, conforme podemos ver em (9).



Nesse sentido, assumo as restrições **MAX-BASEBLEND** e **MAX-BASE_{MIN}BLEND**⁹, definidas com mais detalhes em (10). Essas restrições estão diretamente relacionadas ao conteúdo segmental dos *blends*, de forma a manter uma relação de correspondência com o conteúdo segmental das bases em *output* e de forma a garantir a recuperabilidade segmental das palavras-fonte, principalmente em relação à palavra-fonte menos extensa, visto que o conteúdo prosódico mantido da palavra-fonte mais extensa auxilia na sua recuperação (cf. GRIES, 2004).

(10) *Restrições da família MAX para o blending*

- a. **MAX-BASEBLEND**: todos os segmentos das bases devem estar presentes no *blend*;
- b. **MAX-BASE_{MIN}BLEND**: todos os segmentos da base mais curta devem estar presentes no *blend*.

Seguindo Piñeros (2000) e Gonçalves (2003), também defendo que é necessário postular uma restrição de identidade de traços, apresentada em (11), de maneira que seja possível estabelecer relações de correspondência entre o *blend* e as palavras-fonte em termos de identidade de traços. Essa restrição é vista em Andrade (2008), por exemplo, na discussão acerca da boa formação de *aborrecente* > *aborrecer* + *adolescente* (/a.bo.xe.'sẽ.ti/ > /a.bo.xe.'seR/ + /a.do.le.'sẽ.ti/, em que a restrição de identidade de traços é violada

8 Aqui, não estou determinando que há uma ordem pré-determinada entre as bases que deve ser mantida nos *blends*; tais índices são meramente utilizados para diferenciar as duas bases e não carregam em si informações de ordem.

9 Como aponta um parecerista anônimo, essa restrição que diz respeito à base mais curta tem seu funcionamento visível em casos de *blends* nos quais as duas palavras-fonte têm extensão silábica diferentes – por exemplo, *gratiliz* > *gratidão* + *luz* –, mas fica obscura em casos em que as duas possuem a mesma extensão silábica – por exemplo, *portunhol* > *português* + *espanhol*. Nestes casos, teríamos que recorrer a outros tipos de informação fonológica para determinar se haveria uma base mais curta que a outra – por exemplo, a configuração das sílabas, em termos de peso silábico, seria um critério possível. Por outro lado, também poderíamos seguir a generalização de Gries (2004), segundo a qual a base mais curta é aquela que contribui com o maior número de segmentos fonológicos para a formação resultante. Todavia, deixo essa questão em aberto para uma investigação futura, visto que uma possível resposta parte fundamentalmente da realização de testes de percepção e/ou produção específicos.

na comparação entre o /ẽ/ de *aborrecente* e o /e/ de *aborrecer*; tal violação, todavia, permite que postulemos que a vogal da sílaba tônica de ambas as palavras-fonte sejam mantidas, mesmo que uma delas divirja em termos dos traços herdados da palavra-fonte.

- (11) *Restrição de identidade de traços*
a. **IDENT-BASEBLEND**: a especificação de traços dos segmentos dos *blends* deve ser idêntica à especificação de traços estabelecida nos segmentos das formas de base.

No cerne da TO, Kurisu (2001) observa a relação entre a informação morfológica presente em uma dada estrutura e a exponência fonológica que tal informação recebe. Nesse sentido, o autor propõe a restrição **REALIZE MORPHEME**, que requer que todo morfema subjacente receba algum tipo de exponência fonológica. Assumo esta restrição para dar conta do fato, já observado por Lee (2014), de que precisamos de uma restrição que indique que ambas as palavras-fonte sejam realizadas no *blend*, de maneira que não tenhamos como resultado um *blend* formado unicamente por uma das palavras-fonte. No caso da análise de Lee (2014), assume-se a restrição MINIMAL CONTRIBUTION, que determina que cada palavra prosódica deve contribuir com um mínimo de um segmento para o *blend*; na hipótese aqui desenvolvida, todavia, tal restrição é reinterpretada como tendo relação com a informação morfológica da construção, deixando visível que o *blending* é um fenômeno situado na interface morfologia-fonologia.

Kurisu (2001) propõe o **Quadro 1** para as restrições violadas para cada tipo de processo dito não concatenativo.

Quadro 1 - Relações entre os processos não concatenativos e as restrições violadas

| Processo Morfológico | Restrição violada |
|-----------------------------------|-------------------|
| Morfologia subtrativa | MAXIMIZAÇÃO |
| <i>Umlaut</i> , supleção, mutação | IDENTIDADE |
| Epêntese morfológica | DEP |
| Metátese | LINEARIDADE |
| Infixação | CONTIGUIDADE |
| Reduplicação | INTEGRIDADE |
| Haplogia (fusão) | UNIFORMIDADE |

Fonte: KURISU (2001, p. 30, tradução minha)

No caso em questão, já vimos que a restrição MAX é de suma importância para a determinação do *output* ótimo. Ainda, podemos perceber que também há a necessidade de postular uma restrição de UNIFORMIDADE, que milita contra a existência de sobreposição de segmentos. Como visto nas informações de natureza quantitativa deste artigo, a sobreposição é uma estratégia bastante comum nos *blends*; dessa forma, esta restrição, detalhada

em (12), deve ser uma das mais baixas na hierarquia de restrições. Postular uma restrição que advogue a favor da sobreposição, todavia, não é interessante, pois estaríamos postulando uma restrição específica ao *blending*.

- (12) *Restrição de UNIFORMIDADE versão Output-Output*
 - a. **UNIFORMIDADEBASE-BLEND**: nenhum segmento do *blend* deve ter correspondentes múltiplos nas bases.

Por fim, devemos ainda nos voltar para uma restrição de caráter acentual. Conforme visto antes, os *blends* do PB são formados de maneira a se manter o acento da segunda palavra-fonte. Assumo a restrição de fidelidade acentual (13) proposta por Bat-El e Cohen (2012).

- (13) *Restrição de fidelidade acentual (adaptada de BAT-EL; COHEN, 2012, p. 198)*
 - a. **FAITHHEADW_R**: a sílaba acentuada do *blend* corresponde à sílaba acentuada da palavra-fonte à direita.

A partir do conflito entre as restrições definidas acima, chegamos ao *ranking* de restrições para os *blends* em (14). Em (15), (16) e (17) trago exemplos de *tableaux* para os *blends* do PB¹⁰.

- (14) *Ranking de restrições para o blending*

46

NO-Pwd* >> REALIZE MORPHEME >> ALIGN (M ↔ P) >>
MAX-BASE_{MIN}BLEND >> MAX-BASEBLEND >> FAITHHEADW_R
>> IDENT-BASEBLEND >> UNIFORMIDADEBASE-BLEND.

10 Nos *tableaux*, optei por representar as palavras-fonte numa notação fonológica básica para dar conta do fato de que as restrições têm acesso à prosódia das palavras-fonte, podendo fazer referência a questões métricas. Sobre os símbolos: {} indicam margem de palavra morfológica, [] indicam margem de palavra prosódica, os segmentos em negrito fazem referência aos segmentos que estão em correspondência com ambas as palavras-fonte, . indica fronteiras de sílabas e os segmentos sublinhados fazem referência à sílaba tônica.

(15) *Tableau para o blend carnatal (carnaval + natal) (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 175)*

| /kaR.na.v <u>au</u> +na.t <u>au</u> / ¹¹ | NO-Pwd* | RM | ALIGN | MAX-BB _{MIN} | MAX-BB | FAITH | IDENT | UNIF |
|------------------------------------------------------|---------|-----|-------|-----------------------|-------------|-------|-------------------|------|
| a. [{{kar.na.v <u>au</u> }}] [{{na.t <u>au</u> }}] | * ! | | | | | * | | |
| b. ma [{{kar{n <u>a</u> }.t <u>au</u> }}] | | | * * | | v a u | | v≠t ¹² | * * |
| c. [{{kar}{na.t <u>au</u> }}] | | | * * | | n a v a ! u | | | |
| d. [{{kar.na}{t <u>au</u> }}] | | | * * | n ! a | | | | |
| e. [{{na.t{a}r.na.v <u>au</u> }}] | | | * * | u ! | | | | |
| f. [{{na}{na.v <u>au</u> }}] | | | * * | t ! a u | | | | |
| g. [{{kar.na.v <u>au</u> }}] | | * ! | | | | | | |

(16) *Tableau para o blend boadrasta (boa + madrasta) (cf. MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 176)*

| /bo <u>a</u> +ma.d <u>Ra</u> S.ta/ | NO-Pwd* | RM | ALIGN | MAX-BB _{MIN} | MAX-BB | FAITH | IDENT | UNIF |
|-------------------------------------------------|---------|-----|-------|-----------------------|----------------------|-------|-------|------|
| a. [{{bo <u>a</u> }}] [{{ma.d <u>ras</u> .ta}}] | * ! | | | | | * | | |
| b. ma [{{bo{a}.d <u>ras</u> .ta}}] | | | * * | | m | | | |
| c. [{{bo}{d <u>ras</u> .ta}}] | | | * * | a ! | | | | |
| d. [{{bo <u>a</u> }{d <u>ras</u> .ta}}] | | | * * | | m a ! | | | |
| e. [{{bo <u>a</u> }{ta}}] | | | * * | | m a ! d r a s t a | * | | |
| f. [{{ma.d <u>ras</u> .ta}}] | | * ! | | | | | | |

11 Vale ressaltar que nos *tableaux* os *inputs* vêm com a sílaba tônica marcada porque estou assumindo a Teoria da Correspondência tal como descrita em Benua (1995), permitindo a relação entre duas formas de *output*.
12 Note que as violações às restrições de identidade surgem quando consideramos que um certo segmento está relacionado a segmentos de ambas as palavras-fonte, sendo que estes não são necessariamente idênticos – no caso em questão, postula-se uma violação da restrição de identidade de traços porque os fonemas /t/, presente em *carnatal* e em *natal*, e /v/, presente em *carnaval*, não são idênticos, mas estão em uma relação de correspondência entre si.

(17) *Tableau para o blend escragiário (escravo + estagiário)*

| /eS.kRa.vo+eS.ta.gi.á.rjo/ | NO-PWd* | RM | ALIGN | MAX-BB _{MIN} | MAX-BB | FAITH | IDENT | UNIF |
|-----------------------------------|---------|----|-------|-----------------------|---------------|-------|-------|------|
| a. [{es.kra.vo}][es.ta.gi.á.rjo]} | * ! | | | | | * | | |
| b. [es.kr{a}gi.á.rjo]} | | | ** | vo | | | kr≠t | ** |
| c. [{es}{ta.gi.á.rjo}]} | | | ** | vo | | | kr≠t | ***! |
| d. [{es.kra}{gi.á.rjo}]} | | | ** | vo | e!sta | | | |
| e. [{es.ta}{kra.vo}]} | | | ** | es | g!iarjo | | | |
| f. [{es}ta.gi.á.rjo]} | | | ** | kra!vo | es | | | |
| g. [{es.ta.gi}{kra.vo}]} | | | ** | es | á!rjo | | | |
| h. [{es.kra}{rjo}]} | | | ** | vo | e!stagi ia | * | | |

O que podemos ver nos *tableaux* acima é que os candidatos em (15b), (16b) e (17b) são aqueles que possuem uma melhor performance nas restrições ativas no *blending*. Esta análise se distancia de versões anteriores deste trabalho¹³ como Marangoni Junior (2020) e Scher e Marangoni Junior (2020), em que se propõem a) uma restrição PARSE [ROOT] σ ¹⁴, um *template* de estrutura silábica, militando em favor da manutenção, no *blend* formado, do mesmo número de sílabas de uma das raízes, e b) uma restrição PARSE [ROOT]₁₂, que advoga em favor da ambimorfemia.

48

5 Considerações finais

A análise do *blending* enquanto um processo de formação de palavras realizada acima defende que estamos diante de um processo situado na interface morfologia-fonologia. Em termos morfológicos, temos a junção

13 Vale ressaltar que a razão para a escolha da TO no presente artigo se faz justamente pelo foco na interface morfologia-fonologia, principalmente na questão da exponência fonológica e o quão ela é dependente de informações de cunho prosódico, métrico e morfológico. Nas outras versões deste trabalho, dá-se foco também a questões concernentes à sintaxe, à semântica e à pragmática dos *blends*, o que justifica a opção por um quadro teórico diferente, a saber, uma versão da Otimidade Distribuída, com base em Trommer (2001), na qual a derivação sintática é feita nos moldes da Morfologia Distribuída e a inserção de vocabulário é feita segundo os princípios da TO (para uma análise completa dentro desse modelo teórico híbrido, cf. MARANGONI JUNIOR, 2021).

14 A notação das restrições nestes dois trabalhos citados é diferente da utilizada neste artigo devido ao modelo teórico assumido; nos trabalhos citados, assume-se a nomenclatura utilizada por Trommer (2001) na sistematização que o autor faz do quadro teórico da Otimidade Distribuída através da análise de fenômenos de cunho flexional.

de duas palavras-fonte de maneira a se formar uma palavra morfológica complexa que se apresenta como um subtipo dos compostos. Em termos fonológicos, a interação entre restrições de boa formação estrutural, de realização morfológica, de boa formação prosódica e métrica é o mecanismo responsável pela escolha do *output* fonológico ótimo para uma dada estrutura complexa em *input*. Nesse sentido, a TO é a teoria que nos permite explicitar de maneira mais elegante e econômica as tendências de boa formação dos *blends* em termos de sua exponência morfofonológica.

Dessa forma, podemos sistematizar uma primeira resposta para as questões levantadas na introdução deste artigo: a) o *input* para a formação dos *blends* é de natureza morfofonológica, visto que o *ranking* de restrições característico do processo é capaz de manipular tanto informações concernentes à afiliação morfológica das palavras-fonte quanto à realização fonológica em termos prosódicos e métricos das palavras-fonte; b) entre as informações prosódicas, é crucial termos uma definição bem precisa de palavra prosódica, principalmente levando-se em conta a existência de apenas um acento principal, o que contribui para a diferenciação entre compostos formados por duas palavras e os *blends* em termos de número de acentos principais; também vimos que há uma tendência não categórica à manipulação do número de sílabas, de maneira que este número reflita, em grande parte dos casos, o número de sílabas da palavra-fonte mais longa; em termos métricos, vimos que há a manutenção do acento principal da palavra-fonte mais à direita, isto é, mantêm-se a pauta acentual e a sílaba acentuada da palavra-fonte mais à direita; c) a análise desenvolvida na seção anterior em termos de *ranking* de restrições morfofonológicas mostra que é sim possível generalizarmos uma tendência de boa formação estrutural dos *blends*, a qual se dá com base na interação entre restrições de cunho fonológico e restrições que dizem respeito à interface morfologia-fonologia.

A particularidade deste trabalho está em tentar conduzir uma análise universal para os *blends* do PB, na tentativa de uniformizar as tendências estruturais de cunho fonológico e morfológico visíveis nos dados do *corpus* utilizado, valendo-se de versões específicas de restrições já existentes na literatura morfofonológica. Apesar de ser uma proposta tentadora e de permitir uma explicação satisfatória para boa parte dos dados, trata-se de um plano muito ambicioso; nas pesquisas futuras e desdobramentos desta pesquisa, é interessante nos voltarmos para a possibilidade de postularmos diferentes tipos de *blends*, sendo que cada tipo apresenta um conjunto particular de condições de boa formação morfofonológica – por exemplo, partindo-se de uma divisão inicial como aquela feita por Piñeros (2004), com base em Algeo (1977), que explicita um tipo específico de *blends*, os chamados *portmanteaux*, nos quais há a tendência de manutenção da estrutura silábica

da palavra-fonte mais longa, de maneira que o conteúdo segmental da palavra-fonte mais curta seja incorporado a essa estrutura silábica determinada.

Referências

ALGEO, John. Blends, a structural and systemic view. *American Speech*, 52, p. 47-64, 1977.

ANDRADE, Kátia Emmerick. *Uma Análise Otimalista Unificada para Mesclas Lexicais do Português do Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ, 151p. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2008.

ARAÚJO, Gabriel. Morfologia não-concatenativa em português: os *portmanteaux*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 39, p. 5-21, 2000.

ARNDT-LAPPE, Sabine.; PLAG, Ingo. The role of prosodic structure in the formation of English blends. *English Language and Linguistics*, v. 17, n. 3, p. 357-563, 2013.

BASÍLIO, Margarida. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

BAT-EL, Outi. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. *Phonology and Linguistic Theory*, v. 12, p. 571-596, 1996.

_____. Blend. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of language and linguistics*. Amsterdam: Elsevier, p. 66-70, 2006.

BAT-EL, Outi; COHEN, Evan-Gary. Stress in English blends: A constraint-based analysis. In: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. J. L. (eds.). *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 193-211, 2012.

BAUER, Laurie. Blends: Core and periphery. In: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. J. L. (eds.). *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 11-22, 2012.

BENUA, Laura. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, Rutgers, v. 18, n. 1, p. 77-136, 1995.

CANNON, Garland. Blends in English word formation. *Linguistics*, v. 24, n. 4, p. 725-753, 1986.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas*, v.7, n.1, p.149-167, 2003.

_____. A Ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da Abralin*, v. 5, n.1, p. 169-183, 2006.

_____. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRIES, Stefan. Shouldn't it be breakfunch? A quantitative analysis of blend structure in English. *Linguistics*, v. 42, n. 3, p. 639–667, 2004.

KURISU, Kazutaka. *The Phonology of Morpheme Realization*. PhD thesis. University of California at Santa Cruz, 2001. ROA 490-0102.

LEE, Scott. Correspondence Theory and Phonological Blending in French. *Congrès Mondial de Linguistique Française: SHS Web of Conferences* 8, p. 1299-1314, 2014.

MARANGONI JUNIOR, César Elidio. A interface sintaxe-fonologia no caso dos *blends*. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 86-100, 2020.

_____. *A blendtividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

MATTIELLO, Elisa. *Extra-grammatical morphology in English: Abbreviations, blends, reduplicatives, and related phenomena*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

McCARTHY, John. *A thematic guide to Optimality Theory*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan. Generalized alignment. *Yearbook of Morphology*, p. 79–153, 1993a.

_____. *Prosodic morphology. Constraint interaction and satisfaction*. 1993b. ROA 485-1201.

_____. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; DICKEY, L.; URBANCZYK, S. (eds.). *UMOP*, GLSA, Amherst, MA, p. 249–384, 1995.

_____. Prosodic morphology 1986. *Technical Report 32*, Rutgers University Center for Cognitive Science, 1996.

MINUSSI, Rafael; NÓBREGA, Vitor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas (UFJF)*, v.18, n. 1, p. 161-184, 2014.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NÓBREGA, Vitor Augusto. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

NÓBREGA, Vitor Augusto; MINUSSI, Rafael. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, p. 158-177, jan./jun. 2015.

NÓBREGA, Vitor Augusto; PANAGIOTIDIS, Phoevos. Headedness and exocentric compounding. *Word Structure*, 13(2), p. 211-249, 2020.

52 PIÑEROS, Carlos-Eduardo. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. *Rutgers Optimality Archive*, 2000.

_____. The creation of portmanteaus in the extragrammatical morphology of Spanish. *Probus*, v. 16, n. 2, p. 203–240, 2004.

PLAG, Ingo. *Word-formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers University, University of Colorado, 1993.

RALLI, Angela; XYDOPOULOS, George. Blend formation in Modern Greek. In: RENNER, V; MANIEZ, F; ARNAUD, P. (orgs.). *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 35-50, 2012.

SANDMANN, Antônio. *Formação de Palavras*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

C. E. MARANGONI J.
*A Interface
Morfologia-
Fonologia no
Blending: uma
Análise pelo
Modelo da Teoria
da Otimidade*

SCHER, Ana Paula. *Por menos morfologia não concatenativa: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro*. Tese (livre docência). São Paulo, 2018.

SCHER, Ana Paula.; MARANGONI JUNIOR, César Elidio. Novas evidências em favor de um morfema avaliativo – [Eval]: formas nominais truncadas e blends em português brasileiro. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, número especial, p. 4636-4657, 2020.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Morfologia. In: BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 207-230, 2010.

TROMMER, Jochen. *Distributed Optimality*. Alemanha: Potsdam University Press, 2001.